

# A avaliação de IMPACTO é relevante?

## Parte 2

### *O Imperativo da Gestão do Impacto*



Na Sair da Casca, acreditamos que o IMPACTO não é único nem multidimensional. Antes de mais, pode ser diverso: podemos falar de IMPACTO Ambiental ou Económico de uma empresa, podemos olhar para a dimensão Social da intervenção de uma organização do terceiro setor ou dos donativos que uma empresa atribui anualmente, ou ainda falar de IMPACTO socioeconómico quando nos referimos aos potenciais efeitos de uma empresa numa determinada comunidade (mais ou menos local) onde se insere. **Definir o “objeto” é por isso a primeira etapa do processo de avaliação.** Nesta definição, seguimo-nos pelos principais referenciais, nomeadamente a União Europeia (GECES) mas também do [WBCSD](#) e a [EVPA](#), todos eles com referenciais, definições e artigos que ajudam a definir o objeto e a pensar o processo de avaliação de impacto.

À definição do objeto de análise deve seguir-se um momento de reflexão: porque queremos fazer esta avaliação? O que esperamos obter com o resultado da avaliação que vamos concretizar? Não se tratando de uma etapa formal de avaliação, trata-se de um momento-chave de alinhamento e definição de expetativas. Permite alinhar os diferentes *stakeholders* que podem estar envolvidos no processo de avaliação e, sobretudo, compreender de antemão quais as expetativas para o processo de avaliação. Em muitos casos, o que a avaliação nos pode trazer não está alinhado com as expetativas iniciais. Compreendê-lo desde início é essencial para evitar desilusões, frustrações e avaliações inúteis. É por isso que na Sair da Casca acreditamos que a avaliação de impacto se justifica apenas quando procuramos tomar uma decisão – de investimento num projeto e/ou de continuidade do mesmo – quando procuramos melhorar a gestão do projeto quer a nível de eficiência quer a nível da eficácia do mesmo.

Sobre o processo formal de avaliação, as recomendações da [União Europeia](#) e da [EVPA](#) – European Venture Philanthropy Association remetem-nos para um mesmo processo de **gestão do impacto** baseado na premissa de que para medir o IMPACTO as organizações devem percorrer um caminho de recolha e verificação sistemática de informação, que inclui também envolvimento de *stakeholders*. Este processo inicia-se com a definição de objetivos do que se pretende medir, passando pela análise dos *stakeholders* e chegando à medição dos resultados. Por último, importa verificar os resultados medidos – regressando aos stakeholders para perceber se conseguem

identificar-se nos resultados obtidos – terminando com o reporte da informação e monitorização da mesma.

Damos uma grande importância à otimização do processo de gestão de impacto, promovendo-o quando ainda não existe, ou procurando como o melhorar, quando ele já está implementado. Fazemo-lo, tendo em consideração as competências existentes na organização, e a possibilidade de criação de sinergias entre esta e outros *stakeholders* diretamente envolvidos e impactados pela ação da mesma. É por isso que, em qualquer processo de avaliação, começamos pelos objetivos – da avaliação e do projeto/iniciativa a ser medido – e terminamos com o reporte dos resultados, sempre que possível numa perspetiva interna e externa, promovendo a transparência e *accountability* da organização. Adicionalmente, nunca desvalorizamos a importância do processo de monitorização, procurando que qualquer avaliação possa gerar uma cultura de desempenho e de gestão dos resultados e mudanças, para que o espírito da avaliação possa manter-se muito para além do processo formal de avaliação de IMPACTO. Por último, nunca deixamos de considerar aquilo que é uma das características distintivas do nosso trabalho na Sair da Casca: o envolvimento de *stakeholders*. Em qualquer avaliação de IMPACTO, mais ou menos quantitativa, garantimos a existência de um momento de auscultação aos *stakeholders* do projeto/iniciativa, procurando ouvir a sua perspetiva sobre o projeto, sobre os resultados e mudanças do mesmo, e ainda aproveitar o momento para recolha de recomendações e *inputs*. Apenas desta forma, conseguimos ter certeza do rigor e da fiabilidade dos resultados que foram recolhidos e analisados. Além disso, é este intenso processo de consulta aos *stakeholders*, com grande enfoque na recolha de recomendações e de *feedback* ao processo do projeto/iniciativa, que permite otimizar, reforçar e maximizar o IMPACTO gerado pela organização.

É esta a nossa visão de IMPACTO. Não se traduz numa só metodologia, nem numa única visão. Não se define por um caminho padronizado e único, que serve os interesses e necessidades de todas as organizações. IMPACTO para nós é parte de uma cultura de desempenho, e é resultado de um processo mais ou menos longo – dependendo da organização – de reflexão, recolha, sistematização e verificação de informação, e de monitorização contínua do que são os resultados e mudanças que escolhemos analisar e reportar.

Catarina Neves  
Consultora na Sair da Casca  
Fevereiro 2019